

## MINHA AMANTE EM LEIPZIG: Visão de um Fragmento da Cultura Ocidental

Mechthild Blumberg

Bremen, maio - Quando César Leal, poeta e crítico de poesia, me falou, no ano passado, do seu primeiro romance, ambientado em Leipzig, fiquei curiosa. Como seria mais esta visão brasileira da Alemanha? Ao contrário de relatos como o de Loyola Brandão (*O Verde violentou o Muro*), que descreve a sua estada na Berlim ainda dividida do ano 1982, com vivências pessoais e informações culturais, históricas e políticas; ou do livro de João Ubaldo (*Um Brasileiro em Berlim*), crônicas - anotações pessoais do cotidiano - sobre a sua permanência na Berlim recém-reunificada em 1990, e ainda as "impressões, paisagens & histórias", como se lê no subtítulo de *Hamburgo Blues* (1994) do contista e romancista paraibano Carlos Azevedo, que viveu durante alguns anos em Hamburgo, e do relato de Regine Limaverde, contista e poetisa recifense que no seu *Uma Cearense na Terra dos Bitteschön* (1997) fala de sua experiência doce-amarga com "os alemães" durante um estágio científico em Braunschweig, o romance de César Leal - *Minha Amante em Leipzig* - não é o relato de sua permanência curta ou longa, neste país, mas de uma convivência com as letras, as artes e a história do Ocidente. Além de autor de poemas e ensaios que lhe valeram prêmios e condecorações internacionais, César Leal é professor emérito de ciência da literatura de uma das dez mais importantes instituições acadêmicas do Brasil: a Universidade Federal de Pernambuco.

Conversando comigo sobre o seu romance, conta César Leal que a partir do momento em que o conceito de liberdade ingressou na ciência da natureza, no limiar do século XX, ficou aberto o caminho a novos debates sobre religião e ciência, realidade e mito, relações entre ficção e a história e até mesmo a apresentação de fatos históricos através de símbolos artísticos. Refere-se a Ernst Ernst Robert Curtius que em *Europäische und Lateinische Mittelalter* (1948), cita o tratado de Troeltsch, *Historismus* (Berlim, 1924) quando assinala que a história do Ocidente poderia ser mais eficaz se representada por grandes símbolos poéticos, como por exemplo a *Divina Comédia* e, alguns séculos depois, o *Fausto*. Refere-se igualmente ao filósofo da História Arnold Toynbee, segundo o qual não seria possível o emprego de uma técnica científica para relatos históricos que envolvessem cinco ou seis dezenas de séculos, a não ser através dos símbolos citados por Troeltsch. Daí Toynbee afirmar, em seu *Um Estudo de História*, ser "impossible to employ any technique except that of *fiction*", o que segundo Leal de certo modo contribui, com relação a espaços de tempo mais breves, para a análise das semelhanças e diferenças entre *história* e ficção. Ernst Robert Curtius, ao comentar as idéias de Troeltsch e Toynbee, aceita o conceito de poesia como narrativa (*fiction*) criada pela fantasia, um bom conceito - segundo o famoso romancista - por abranger em seu campo de pesquisas, a epopéia, o romance de qualquer época, o drama e outros gêneros literários não especificados.

No prefácio de seu romance, conta-nos o próprio César Leal como encontrou - num antiquário de Frankfurt - um manuscrito anônimo, datado de 1772, que ele adquire e no qual resolve colocar o seu próprio nome, aconselhado pela proprietária da loja:

- E o nome do autor, indagou ela, acrescentando, sem esperar resposta: - Isto agora é seu. Por que não usa seu próprio nome?

- Uma boa idéia, senhora, disse-lhe enquanto tomava chá com mel e biscoitos italianos que ela me oferecera. Ao despedir-me, ela disse que eu lhe enviasse um exemplar logo que os originais fossem editados. No dia seguinte, retornei ao Brasil e comecei a preparar a edição, sem preocupar-me com a complexidade da estrutura, moldura teórica, coerência. {...} Após traduzir o manuscrito, criando nomes de profissões desconhecidas na época, tais como "secretária", "Instituto de Direito" e outras loucuras, fazendo passar tudo isso pela inflexão de minha voz, queimei o original em língua tedesca, para que o texto em português ganhasse o máximo de autonomia.

Através deste jogo com as identidades autorais, César Leal cede a palavra ao narrador. E assim, com esse recurso bem tradicional e atual, inicia-se a série de diálogos "sobre as Artes, as Armas e o Amor", segundo o subtítulo do livro, entre o jovem doutorando em Leis, vindo de Frankfurt, e a mulher que viria a ser sua amante, a Sra. von Hardenberg. Diálogos ensaísticos que retratam o espírito clássico do autor, associado a um componente fundamental da modernidade: o interesse histórico-artístico na base do "Sturm und Drang", revolução na literatura alemã que tem como marco o drama do mesmo nome, de F. M. Klinger, 1770,

e um grupo de jovens artistas e filósofos, com Goethe e Schiller como seus maiores representantes na poesia, entre os quais se encontram Voss, Lenz, Burger. Os diálogos no romance de César Leal são relatados sob a forma de memórias de um grande poeta anônimo, mas que podemos imaginar como sendo o Goethe da juventude, um rapaz instável, que se veste desajeitadamente e utiliza uma dicção áspera aos ouvidos dos frequentadores dos salões de Leipzig. Induzido pela Senhora von Hardenberg, que lhe diz ser a fala dos frankfurquenses um mero dialeto germânico, o jovem, apesar de seu orgulho regional, modifica seu comportamento, inclusive o traje e a entonação da voz. O reconhecimento da identidade de Goethe, pelo leitor, logo no início do relato, é um dos objetivos de César Leal, porque – por modéstia ou razões de outra natureza – isso lhe permite assumir a identidade do *jovem Goethe* na fase de suas primeiras experiências literárias que as despreza, deixando até de assiná-las, e não do *velho Goethe*, que se converteria mais tarde no ícone da literatura alemã. Assim, pelo conceito de fantasia, pode o autor criar o ambiente apropriado à tese dos germanos como um dos elementos étnicos formadores do povo grego: esse é o protótipo físico da Senhora von Hardenberg, uma mulher de aparência helênica, embora sendo prussiana, de olhos azuis, cabeleira ruiva, pele alva, sardas, assemelhando-se também à imperatriz Isabel de Portugal, a ruiva mulher de Carlos V, cuja beleza fora imortalizada “pelo

pincel de Ticiano”, diz o jovem à amante, em outra passagem dos diálogos.

As conversações entre os dois são – para quem, como a autora desta resenha, ainda tem muito a aprender no que se refere às artes e às letras clássicas – valiosas lições de teoria da literatura e história da arte. Os amantes cultivam um refinamento tanto espiritual quanto físico condizente com a educação recebida, classe social a que pertencem e os costumes de seu tempo: falam sobre teoria dos gêneros, a natureza e função da epopéia e do drama, a métrica apropriada a cada gênero ou espécie literária, metáfora, alegoria e um sem-número de autores, desde os grandes nomes da antigüidade greco-latina, até as grandes obras da Idade Média e da Renascença, passando por Dante, Shakespeare e muitos outros poetas e filósofos ingleses, pela lírica provençal, pelo Siglo de Oro espanhol, por Camões, os metafísicos ingleses (Marvell, Herbert, Donne), pelos filósofos franceses (Rousseau, Diderot, Voltaire etc.) e chegando até os clássicos alemães (Herder, Winckelmann, Klopstock). Os amantes comentam a pintura (p.ex. a escola holandesa: Rubens, Rembrandt), os pintores italianos (Leonardo, Miguel Ângelo, Veronese, Rafael), a arquitetura gótica, o Direito Natural (Hugo Grotius, Thomasius), acontecimentos históricos da Espanha e dos Países Baixos, as guerras de Carlos V e de seu filho Filipe II.

Parece-me que César Leal aproveitou-se da liberdade das *belles-lettres* para fazer todas as digressões – eruditas, anedóticas e à

maneira de comentário pessoal - sobre arte e história que a estreiteza do currículo universitário geralmente não permite, impedindo que os alunos, na sala de aula, adquiram uma visão mais ampla da cultura do Ocidente. Esse é um livro a exigir muito dos não comparatistas. O narrador consegue fundir as dimensões temporais, ao falar de "uma correnteza do tempo que navega para o passado", segundo um princípio de Leibniz, e apresentando, simultaneamente, fatos da antiguidade greco-latina, unidos a acontecimentos do século XVIII e da atualidade, compondo poemas visuais, tais como poderiam ser vistos na Antologia Grega, na fase do barroco como *estilo histórico* (séculos XVII e XVIII) e no visualismo gráfico do concretismo de Eugen Gomringer, do austríaco Ernst Jandl e dos irmãos Campos no Brasil, além dos próprios poemas visuais do autor: *Ursa Maior* (1968) e *O Triunfo das Águas* (1969), ambos recentemente traduzidos para a língua alemã, por Curt Meyer-Clason, escritor de Munique, tradutor do *Grande Sertão: Veredas*.

César Leal, que com a sua poesia de "rigor geométrico" (Wilson Martins, Sébastien Joachim, Ronald Rassner) trabalha num campo em cujas bordas poderíamos, talvez, colocar o concretismo e João Cabral de Melo Neto, criou com *Minha Amante em Leipzig* uma prosa histórica, simetricamente rigorosa (39 capítulos incluindo o prefácio), além de um quadro com 33 constelações, sendo a última formada por 12 astros onde se encontra o Sol como estrela menor dessa estranha constelação, difícil mas possível de ser desenhada

no mapa-celeste. Assim, a mística dos números parece sustentar a estrutura arquitetônica de seu livro. Esses processos que uma análise ligeira poderia deixar escapar ao leitor desatento, Ernst Robert Curtius mostra-nos, no início do primeiro capítulo de seu monumental livro (o já citado *Literatura Européia e Idade Média Latina*) traduzido para o português desde a década de 50, como uma conquista da *composição numérica* da Idade Média, unida a outros fatores, tais como pesquisas históricas recentes. São recursos de composição, não meros exercícios de Cabala, Matemática e Astrologia, procedimentos que também não devem ser subestimados pela crítica. O estudo da história "adquire ainda - informa Curtius - com o cotejo das culturas, uma tipologia dos mitos criados pela humanidade histórica e os interpreta como símbolos de fenômenos cósmicos". Realmente, a poesia de César Leal revela, desde sua estréia, uma preocupação cósmica que o arrasta, continuamente, para o infinito.

No seu romance-ensaístico encontramos ainda, através da situação amorosa, uma sensualização e erotização na mistura de fatos e fantasia que funciona com surpreendente eficácia. Um exemplo é quando a Senhora von Hardenberg fala ao jovem amante sobre a necessidade de um poeta alemão capaz de escrever um *Fausto* superior ao de Marlowe. É mais uma pista que leva o leitor a identificar o jovem Goethe, já em Weimar, para uma curta temporada como preceptor do duque Carlos Augusto. A Weimar de seis mil habitantes, que afinal se transforma em sua morada

permanente. Ao tornar-se amante da poderosa baronesa Carlota von Stein, cujo prestígio na corte é muito forte, dela recebe de forma indireta e sutil a consciência de que suas *Farsas, Os Sofrimentos do jovem Werther* e outros textos não seriam obras que estivessem à altura de seu gênio. Ela o encoraja a grandes realizações. Recomenda-lhe o convívio com o teatro de Eurípides, com as obras dos autores que fundamentaram o "Sturm und Drang": o *Discurso* de Rousseau, a *Ética* de Spinoza e os chamados autores modelares, que lêem juntos, na mais rigorosa privacidade, pois sendo uma puritana calvinista, luta contra seus próprios instintos, em defesa de sua honra. Esta relação entre Goethe e Carlota von Stein inspira aquela - na qual a atração mútua não é sublimada, mas consumada - entre os protagonistas, que após longas e cultas conversas passam do erotismo intelectual ao carnal. Além disso, o romance - no qual um autor brasileiro desenvolve o discurso de dois protagonistas alemães - é também, através deste jogo de identidades assim como no discurso mesmo, um debate entre os conceitos de latinidade e germanidade. Conta-me César Leal que quis "ironizar os latinos da América que falam tanto em 'literatura nacional', enquanto imitam os europeus, quando deviam seguir o exemplo da Alemanha que não recusava os grandes autores de outros países, desde que fossem importantes para o enriquecimento da cultura alemã, tal como, no Brasil, Machado de Assis recomendava, em seus ensaios "Instinto da nacionalidade" e "O Ideal do crítico", o contacto com as letras

estrangeiras porque isso evitaria o empobrecimento da literatura brasileira, ainda "nascente".

Através da idéia de que a raça germânica não estaria somente na raiz do povo grego, mas do Cristianismo, ao ser Jesus - conforme a Sra. von Hardenberg - filho de um alemão que servia como oficial ao exército de Roma na Palestina, a raça alemã, na sua mistura com povos da Ásia Menor, da Grécia, com uma judia na Palestina - gerando o Cristo - e com os invasores romanos, está longe da pureza de sangue almejada com resultados mortíferos no nazismo, e é assim retratado como o berço da civilização greco-latina e cristã que formou o Ocidente. É esta uma visão da Alemanha que, incluindo o recurso às suas conquistas culturais, a reabilita sem esquecer o horror demoníaco provocado pelo que a Sra. von Hardenberg menciona como perigo para toda a humanidade: uma volta, no futuro, da antiga cruz ariana, terrível forma simbólica, à qual, como ela diz, renunciamos no passado, ao aceitar o maior símbolo do Cristianismo: a cruz romana onde crucificaram Jesus.

Além da valorização do lastro cultural alemão, que aliás já se tornou lastro cultural do mundo, fato para o qual o livro de César Leal é mais um belo exemplo, ao devorar, na tradição da antropofagia brasileira, a herança indo-européia, para chegar a falar através da voz fictícia do jovem Goethe, não faltam no romance expressões que me parecem merecer reflexões, tais como o mito do alemão trabalhador e desejoso de ordem, e o da prussiana sem medo (aos quais corresponderia - como o seu

contrário - a auto-imagem brasileira do Macunaíma). Como conhecedora das culturas brasileira e alemã posso, no entanto, afirmar que muitos brasileiros trabalham - hoje - bem mais do que o alemão médio, e muito mais devem ter trabalhado quando viviam, no século XVIII, sob um regime latifundiário e escravagista, muito bem explorado no romance. Quando lemos, no romance, que Maurício de Nassau recomendou ao governo da Holanda a implantação de colonos neerlandeses nas terras conquistadas, o que lhe teria custado o cargo de governador do Brasil Holandês, em razão da conspiração dos latifundiários nativos associados à Companhia das Índias Ocidentais, isso me parece merecer um cuidadoso esforço reflexivo nos dias atuais, pois talvez o autor tenha razão. A afirmação do protagonista de que o povo alemão seria o mais guerreiro do mundo por amor à liberdade, parece-me a mim, que a estou lendo "do outro lado do Atlântico", algo a ser interpretado cuidadosamente, caso o narrador não esteja se referindo às invasões dos godos ao Império dos Césares, entre os séculos III e V, culminando com a invasão de Roma por Alarico, em busca da liberdade e de seu território ocupado pelas armas da *pax romana*. Porque interpretado à luz dos acontecimentos do século XX, essa afirmativa lembra - para o meu ouvido de alemã, e depois do soterramento da civilização pelo hitlerismo - a retórica nazista que legitimou a Segunda Grande Guerra como luta do povo alemão contra o domínio dos judeus e pela (re)conquista do "seu espaço vital".

É nos extensos comentários dos protagonistas de César Leal em redor da estada dos holandeses em Pernambuco, relacionando-a à história portuguesa (D. Sebastião, o domínio de Portugal por parte da Espanha), nas suas menções de Camões e Vieira, e nos seus vaticínios dos males do latifúndio aos nativos, quando os portugueses tiverem de abandonar a colônia ou dela forem expulsos um dia, como foram os holandeses, males que poderiam continuar até o século XXII, onde mais se revela a presença de ideologia no escritor brasileiro, com o seu profetismo, como se colocasse à margem o narrador, em limitação da verossimilhança das conversações entre dois alemães do século XVIII. A vontade de aproximar o mundo, sublinhando o quão intenso foi o cultivo das culturas grega e latina na Alemanha, e quão intensa a mistura de sangue latino e germânico durante a ocupação romana da Europa, além de recorrer ao episódio de Nassau, "príncipe germânico" no Recife, leva o poeta brasileiro a fazer um beija-flor, pássaro típico dos trópicos, entrar no salão de visitas da Senhora von Hardenberg, onde tenta sugar o néctar de uma flor em um quadro pintado pelo famoso retratista inglês Thomas Gainsborough, e tudo isso em um trecho em que o estilo alcança um ritmo de beleza avassalante. Indica Leal ao conversar comigo, que também Edgar Allan Poe ultrapassa a verossimilhança ao mostrar um corvo, ave essencialmente diurna (cuja capacidade para aprender e pronunciar palavras é duvidosa), a entrar à meia-noite na casa do poeta norte-americano, pousar num busto de Palas Atena e, a cada

reflexão de Poeta, responder sempre, com absoluta precisão fonética e filosófica, a palavra: "Nevermore". Mas não é verossimilhança a ambição dos romancistas e poetas, já que a preceptiva literária recomenda deixar em liberdade os movimentos quase coreográficos da fantasia criadora. O mundo retratado neste livro está pleno de atualidade. Basta observar a sutileza como César Leal apresenta o panóptico de Jeremy Bentham (1748-1832), filósofo, jurista e engenheiro inglês, na passagem em que Leal faz o elogio da loucura: "Sabemos que a loucura existe porque existem os loucos. Há os pobres loucos, queimados nas fogueiras por tantas loucuras; ou, no caso de melhor sorte, encerrados em celas de estranha visibilidade, onde todos são vistos por *um nunca visto por todos*" (*Minha Amante em Leipzig*, p. 70). Eis como o filósofo alemão contemporâneo Jürgen Habermas, ao citar Foucault, em um de seus ensaios de *O Discurso da Modernidade* publicado no Brasil pela Martins Fonte Editora, p. 344, em tradução de Luís Sérgio Repa e Rodnei Nascimento, nos mostra o que é o panóptico: "Na periferia, em forma de um anel, no centro, uma torre. Esta é vazada por janelas largas que se abrem para a face interior do anel; a construção periférica é dividida em células, das quais cada uma atravessa a inteira espessura da edificação. Elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo à janela da torre e outra para o exterior, possibilitando à luz atravessar a célula de ponta a ponta. Um vigia colocado na torre é quanto basta e em cada célula um louco, um

enfermo, um condenado, um operário ou estudante. Pelo efeito da contraluz pode-se ver da torre, exatamente recortadas sobre a luz, as pequenas silhuetas cativas nas células da periferia. Cada jaula é um pequeno teatro em que o ator está só, perfeitamente individualizado e constantemente visível."

*Minha Amante em Leipzig*, belo romance-ensaio, atualíssimo, em que tradição e modernidade se equivalem, deve ser lido como uma viagem fantástica, erudito-erótica, através da cultura do Ocidente, revelando como um grande poeta brasileiro contemporâneo cultiva, com fantasia, sensualidade e rigor, o prazer do conhecimento.